



***Estenotipia e especularidade:
Revelações e apagamentos na
construção de sentido na imagem
fotográfica.***

Isaac Antonio Camargo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Este trabalho apresenta uma análise das relações entre a constituição da imagem fotográfica referenciada ao meio e sua configuração plástico/visual submetida ao sistema que a constitui enquanto imagem ótica e os potenciais de manipulação que apresenta enquanto manifestação discursiva.

A temática das investigações sobre a Fotografia aborda, através da semiótica discursiva, os meios de constituição da imagem fotográfica e sua significação, tanto no campo poético quanto da informação. A questão fundadora é: “Como manipulação da imagem por meio do estenopo/orifício, define o processo plástico/visual para a constituição da imagem e, por consequência, gera significação e produz de sentido”?

São analisados como os componentes conceituais e sociais atribuídos ou incorporados às imagens enquanto repositórios simbólicos ou informativos assumem sentidos e funções.

Tais efeitos de sentido não são apenas baseados na imitação ou na reprodução do visível destas imagens, vão além disso: extrapolam e interpolam tais imagens figurando circunstâncias e situações, inserindo-as nas diferentes instâncias culturais com as quais dialoga na sociedade na qual é produzida.

*Estenotipia e especularidade:
a terceira via da imagem.*

Flusser, 1985, ensina que a imagem fotográfica coloca em funcionamento um conceito amparado na ciência e não como um produto da observação e mãos humanas. Assim a fotografia personaliza e representa a tecnologia e não a humanidade.

Esta “dupla personalidade” da fotografia surge justamente de sua capacidade ótica e técnica de dialogar “mimeticamente” com o mundo natural, fazendo com que este suposto mimetismo se torne um recurso corrente e recorrente para a produção de sentido.

A fotografia traz uma carga de realidade, de veridicção em relação ao referente com o qual dialoga, isto faz com que boa parte dos sentidos por ela gerados tenha como referência este constructo. Machado, 1984, esclarece que a especularidade atribuída à fotografia é, em parte, ilusão já que é manipulada.

É possível admitir então que tal efeito de sentido é condicionado mais à crença na relação veridictória do que aos processos e procedimentos que acontecem na construção de uma imagem fotográfica, portanto, assim se constitui esta Terceira Via, a da Veridicção.

Os dois raciocínios expostos apresentam questões opostas: um investe na identidade entre o que se vê no mundo e o que a fotografia mostra e outro a nega. É como se, de um lado a imagem explicasse tudo aquilo que toma e de outro, ao contrário, promovesse seu apagamento. Mesmo opostas estas duas leituras se referem a um mesmo tipo de imagem.

A configuração estenopéica da fotografia não admite alterações substanciais na sua imagem. Isto tem sido amplamente comprovado desde o início dos procedimentos fotográficos, fossem por meio das câmaras escuras ou das primeiras câmeras fotográficas.

Neste sentido, para alterar uma imagem estenopéica o orifício recebeu um artifício técnico para melhorar a qualidade da projeção da imagem na superfície, um modulador da dimensão do orifício, possibilitando regular sua dimensão ampliando e diminuindo seu diâmetro.

*Ao diminuir o diâmetro, a imagem se tornava mais nítida e aumentava o foco em profundidade. Aumentando o diâmetro diluía, apagava os detalhes e reduzia a profundidade. Assim este artifício, chamado Diafragma, se tornou um modelador da imagem cuja consequência foi produzir sentidos opostos: **revelação e apagamento.***

As Revelações da imagem fotográfica.

Revelar é expor, mostrar, apontar entre outros sinônimos que se incumbem de indicar a explicitação de algo. Uma das finalidades assumidas pela imagem fotográfica foi justamente a de revelar algo. Os termos Revelar e Revelação serviram também de referência para o processamento fotográfico.

O conceito de Revelação da imagem fotográfica evoca sua essência documental, de registro que serve de prova ou comprovação de uma dada ocorrência produzindo o efeito de sentido de realidade, de não ficção ou de não invenção, assim tal efeito é associado às imagens fotográficas.

A imagem fotográfica é o oposto das imagens produzidas artesanalmente justamente por ter sido concebida dentro da capacidade analógica ótico-química ou ótico-digital. Outrossim, ela só existe se existirem de antemão as condições luminosas, físicas e fenomênicas para que uma imagem seja tomada e registrada.

Por isto a imagem fotográfica triunfou no contexto da documentação, do registro, da memória e na construção de repositórios de dados e informação nos quais a referência imagética é necessária ou providencial para a consolidação, confirmação ou preservação de dados, fatos e eventos.

Embora a imagem seja alterada, mudada ou manipulada é fácil crer que aquilo que é mostrado tem relação de reciprocidade direta com o que foi tomado. Isto também é resultante de crenças construídas no contexto social.

Os apagamentos da imagem fotográfica.

A oposição à ideia de Revelação é a de Apagamento. É fácil constatar que as imagens fotográficas não são capazes de reter o visível exatamente como se mostra no mundo natural. Tais imagens são realizadas por meio de escolhas ou recortes de alguém que adotou: tomadas, posições, ângulos, aproximação ou afastamento.

Tais atitudes produzem recortes que revelam mais sobre quem os realiza do que sobre o que se mostra. Tais escolhas se originam em vários fatores, sejam as condições de incidência da luz, a organização espacial da cena, assunto ou ainda o que se quer dar a ver ou demonstrar mediante aporte ideológico.

Tais possibilidades de alteração se iniciam no processo de sua constituição ótica, quer pela alteração do diâmetro do estenopo, quer pelo acoplamento de lentes a ele. De um modo ou de outro alterar um orifício, adicionar uma ou mais lentes, são recursos para interferir na captação da luz e, conseqüentemente, construir, qualificar ou alterar a imagem obtida.

Portanto, entre escolhas, recortes, tomadas e captação da imagem até o seu registro definitivo na superfície sensível há, potencialmente, infinitas possibilidades de intervenção, modificação, transformação do estado original da luminosidade, da espacialidade e temporalidade de um estado original para outro construído e manifesto, pragmaticamente produzido mas, não previamente existente.

As diversas possibilidades de intervenção, aqui chamadas de Apagamentos, reduzem drasticamente o potencial de veracidade da imagem fotográfica fazendo com que ela não corresponda ao todo do que é visto, portanto não é, a priori, dotada de verdade mas assume, incorpora o efeito de veridicção amparada no seu potencial de traduzir o que o mundo mostra por meio de imagens assemelhadas a ele, isto é significação.

A imagem fotográfica é algo criado, não natural, artificial assim como todas as outras imagens produzidas pela humanidade. Sua grande vantagem é que ela parte de um fenômeno natural e o transforma em tecnológico, talvez seja isto que a coloca num patamar de credibilidade.

*Verdades ou falsidades: em que
acreditar?*

Fontcuberta, 2010, discute a questão da fotografia no contexto dos valores, da ontologia, justamente pela dificuldade que se tem de colocá-la estética ou pragmaticamente de um lado ou de outro, isto serve para reforçar a discussão em torno da veridicção.

As reflexões aqui apresentadas indicam dois caminhos: um mostra a capacidade da fotografia de Revelar, expor e outro, a sua capacidade de Obliterar. Curiosamente, os mesmos recursos e procedimentos técnicos que servem para mostrar também servem para ocultar, tudo depende da abordagem, do enfoque adotado para tomar ou realizar informações.

Como já dito a gênese da imagem fotográfica pressupõe sua identidade com o mundo natural, assim, traduziria o que está no mundo.

Embora esta convicção seja mais uma crença do que uma condição existencial da fotografia tem sido um dos pilares para a sustentação da fotografia no contexto das mídias de comunicação social.

Voltando à questão da veridicção, o que faz da fotografia ou de qualquer outro documento visual um constructo de valor informativo não é a forma, a aparência que assume mas o modo como ele é concebido e difundido na sociedade.

Credibilidade também não é algo natural e espontâneo, é construído como qualquer outro componente social, é uma espécie de crença e se baseia na confiança, um valor simbólico. A verdade é associada à credibilidade do mesmo modo que a mentira se associa à falsidade.

Conquistar ou manter a Credibilidade junto ao público é a meta de todos que almejam, lidam ou detêm o poder. Queira ou não, na atualidade, ainda se enfrenta um dilema ontológico em relação à imagem fotográfica: acreditar ou não, esta é a questão.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta, São Paulo: HUCITEC, 1985.

FONTECUBERTA, Joan. O beijo de Judas: Fotografia e Verdade. Barcelona: Gustavo Gilli, 2010

MACHADO, Arlindo. A Ilusão Especular: introdução à fotografia. São Paulo, Brasiliense, 1884.